



**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES
DO JEQUITINHONHA E MUCURI**



CLEICE RODRIGUES PENA

**A INDISCIPLINA SOB A ÓTICA DO PROFESSOR E DO ALUNO NA ESCOLA
ESTADUAL TANCREDO NEVES/ALMENARA-MG**

**ALMENARA
2017**

CLEICE RODRIGUES PENA

**A INDISCIPLINA SOB A ÓTICA DO PROFESSOR E DO ALUNO NA ESCOLA
ESTADUAL TANCREDO NEVES/ALMENARA-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha
e Mucuri Modalidade à Distância, como requisito
parcial para conclusão do curso de Licenciatura
em Química.

Orientador: Fernando Armini Ruela

Coorientador: Everton Luiz de Paula

ALMENARA

2017

AGRADECIMENTOS

Como é maravilhoso olhar para trás e ver todos os obstáculos vencidos, foram tantos os sacrifícios, os esforços, as preocupações, tudo valeu a pena!

Agradeço a Deus o autor da vida, por me proporcionar capacidade para lutar pelos meus sonhos. Sem Ele eu nada seria. A minha família por toda dedicação e paciência. Agradeço a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) por ter me possibilitado as chances e todas as ferramentas que permitiram chegar ao final desse ciclo de maneira satisfatória. Agradeço a comunidade escolar da Escola Estadual Tancredo Neves (EETN) que me concedeu espaço para a realização desse trabalho.

Sou grata, especialmente ao professor Dr. Fernando Armini Ruela, pela orientação e o aprendizado passado.

Agradeço aos demais profissionais da banca de defesa, Kelly Cristina Katto e Hellen Rose pelas contribuições para melhoria deste trabalho.

Aos colegas pelo companheirismo, amizade e aprendizado.

Aos meus professores que, ao longo desses anos, se dedicaram na transmissão de conhecimento para que eu chegasse até aqui.

PENA, Cleice Rodrigues. A INDISCIPLINA SOB A ÓTICA DO PROFESSOR E DO ALUNO NA ESCOLA ESTADUAL TANCREDO NEVES/ALMENARA-MG. Trabalho de Conclusão do curso de Química – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Polo Almenara, 2017.

RESUMO: A indisciplina é um dos principais problemas enfrentados pela equipe escolar, principalmente pelos professores. Para vencer este problema é necessário que o professor exerça sua autoridade, sabendo intermediar o domínio da sua turma com a afetividade e usando, então, o diálogo para formar uma classe integrada, compenetrada e interessada. O presente estudo buscou apresentar algumas reflexões acerca da indisciplina em sala de aula, a partir da observação do cotidiano de uma escola. Abordando algumas reflexões sobre a disciplina e a indisciplina no contexto escolar. Tratando ainda das implicações da indisciplina no processo de ensino aprendizagem. Defendeu-se no texto que a relação professor/aluno possa contribuir significativamente para a melhora no comportamento dos estudantes no sentido de buscar possíveis mudanças na forma de pensar e agir em seu comportamento escolar. Procurou-se também abordar a questão social como um dos possíveis motivos para a indisciplina dos alunos. A pesquisa foi de caráter exploratório e bibliográfico, através dos questionários aplicados a professores e alunos dessa escola, foi possível proporcionar uma reflexão por parte dos professores sobre a metodologia desenvolvida na escola, buscando a meditação para suas práticas pedagógicas e a necessidade de buscar caminhos favoráveis à transformação das relações conflituosas com os alunos a partir de um novo olhar para a questão da indisciplina.

Palavras Chave: Indisciplina. Questão Social. Professor. Metodologia.

PENA, Cleice Rodrigues. INDISCIPLINA UNDER THE OPTICAL OF TEACHER AND STUDENT IN THE STATE SCHOOL TANCREDO NEVES / ALMENARA-MG. Completion of the course in Chemistry - Federal University of Jequitinhonha and Mucuri Valleys - UFVJM, Almenara Pole, 2017.

ABSTRACT: The indiscipline is one of the main problems faced by the school staff, especially the teachers. To overcome this problem it is necessary for the teacher to exercise his authority, knowing broker the field of his class with affection and using then to dialogue to form an integrated, earnest and interested class. The present study sought to present some reflections about the indiscipline in the classroom, from the observation of the daily life of a school. He addressed some reflections on discipline and indiscipline in the school context. It also addressed the implications of indiscipline in the process of teaching learning. It was argued in the text that the teacher-student relationship can contribute significantly to the improvement in student behavior in order to seek possible changes in the way of thinking and acting in their school behavior. He addressed the social question as one of the possible reasons for students' indiscipline. The research was exploratory and bibliographic and refers to the subject of the research, through the questionnaires applied to teachers and students of this school, it was possible to provide a reflection on the methodology developed in the school, seeking meditation for their pedagogical practices and the need to seek favorable paths to the transformation of conflictual relations with students to from a new look at the issue of indiscipline.

Keywords: Indiscipline. Social issues. Teacher. Methodology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 A disciplina e a indisciplina no contexto escolar.....	7
2.2 Implicações de indisciplina no processo ensino-aprendizagem	11
2.3 Autoridade do professor e sua relação com a indisciplina	13
2.4 Possíveis soluções.....	14
3 METODOLOGIA	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
8 ANEXOS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A noção correta do termo “disciplina” e a autoridade conquistada por meios legítimos por um professor pode ser a peça chave para o sucesso de uma aula. O bom posicionamento do professor frente ao aluno fará com que tanto aluno quanto o professor alcancem o objetivo educativo, fazendo com que este seja mais respeitado e valorizado.

Sabe-se que a escola é muito mais que um ambiente de transmissão de conteúdos. É ali que o aluno se relaciona com os demais, faz amizades, mas principalmente aprende normas de convívio que servirão para sua vida em sociedade. Hoje, a escola como um todo, passa por uma crise de sentido; onde os alunos se vêem obrigados a freqüentar a escola, e essa falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada (MULLER, 2002). O professor pode amortecer este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo.

Segundo Freire (1996) para exercer a autoridade, o professor precisa saber da importância do seu trabalho e combinar com a afetividade a sua autoridade, usando, então, ao diálogo como pretexto de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada.

Já Libâneo (1994) declara que o professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada. É papel do docente mostrar que o diálogo só ocorre quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo.

É de grande importância que o professor saiba conduzir sua autoridade, promovendo interação com a turma, incentivando a criatividade do aluno, criando uma relação de respeito mútuo e organizando o seu método de trabalho. O professor precisa facilitar ao aluno o entendimento, pois este é seu papel, ajudando-o a conhecer as normas que regem a conduta aceita nos mais variados âmbitos, como o social, o cultural e o político.

Ter uma boa afinidade com a turma é uma tarefa que contribui para a disciplina em sala de aula, porque promove a relação entre professor-aluno. Nessa

perspectiva, Vasconcellos (2009) destaca o sentido que dá ao termo disciplina na sala de aula, dizendo-nos que o que almeja-se em termos de disciplina escolar é conseguir as condições de trabalho coletivo como resultado da capacidade do sujeito de se autogovernar, autorreger-se, autodeterminar-se, autoproduzir-se.

A indisciplina é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos educadores para desenvolverem o trabalho pedagógico. De acordo com Benette (2008), os conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites por parte dos alunos ou autoritarismo por parte do professor. Existe uma relação direta entre autoridade, indisciplina e ensino aprendizagem? Até que ponto uma postura autoritária por parte do professor garante a disciplina dos alunos e um processo de ensino aprendido significativo?

Sendo assim, defende-se neste estudo que uma boa interpretação dos termos disciplina e indisciplina contribuam para o empoderamento do profissional da educação, concedendo-lhes autoridade legítima em sala de aula. Adicionalmente, esse correto entendimento pode contribuir significativamente para a melhora no comportamento dos estudantes no sentido de buscar possíveis mudanças na forma de pensar e agir em seu comportamento escolar. Busca aqui promover a reflexão por parte dos professores sobre as práticas desenvolvidas na escola, proporcionando caminhos favoráveis à transformação dessas relações a partir de um novo olhar para a questão da indisciplina que vem desafiando os profissionais nas escolas no atual contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A disciplina e a indisciplina no contexto escolar

Em princípio a definição e os conceitos associados ao tema “disciplina no ambiente escolar” mostram-se aparentemente simples de estabelecer um contorno e, portanto de fácil entendimento. Entretanto, torna-se notável em uma leitura mais profunda e durante o ato investigativo que os processos pelos quais os sujeitos vivenciam e que irá moldá-los nesse sentido revela-se como um caminho de grande complexidade. Os indivíduos transparecerem sua disciplina, indisciplina, ou mesmo os seus diversos graus dentro desta faixa a depender de vários fatores que incluem a sua formação de caráter, consciência e noção de cidadania que por sua vez estão

entrelaçadas com a dinâmica na sociedade. Outra peça de grande complexidade nesta questão e que devem ser levadas em consideração são as indagações que sempre surgem e que são de difícil resolução. Essas indagações referem-se àquelas que fazemos no sentido de saber qual caráter é o mais desejável, ou seja, que tipo de cidadão é desejável formar? Por que um determinado indivíduo deverá obedecer a alguns outros? (VASCONCELLOS, 1994).

Há de se considerar também a dificuldade do próprio significado do termo disciplina e indisciplina, faltando a estas a devida clareza e consenso sobre seus significados. Quando a pauta da discussão gira em torno da questão da disciplina e da indisciplina, o que majoritariamente se põe a reinar é o senso comum, mas que em considerável frequência não se encontra dentro do bom senso. Há situações, por exemplo, em que a indisciplina pode ser entendida como ponto positivo, desde que transpareça um espírito que se rebela e que não se submete; um indivíduo que não se acomoda acaba por provocar rupturas e questionamentos que são saudáveis à evolução das ciências e do próprio crescimento do indivíduo. O sujeito disciplinado, por sua vez, pode vir a ser caracterizado como aquele que se deixa submeter e, portanto é agente passivo de todo o processo (REGO, 1996).

Segundo Medeiros (2007) a ideia de disciplinar é desenvolver uma cultura civilizada, onde a escola se encarregaria de contribuir para esta prática. Entretanto, é possível afirmar que disciplinar significa participar do esforço civilizatório, onde a escola ficaria incumbida somente em contribuir com este esforço geral.

Hoje, a sociedade é conduzida a seguir determinados comportamentos que a tornam aceitável ou não dentro de um grupo, uma comunidade e até mesmo na escola. Esses comportamentos a depender dos padrões do lugar onde se vive é uma representação do que se considera disciplina. Em resumo, disciplina é ordem (MEDEIROS, 2007).

A verdadeira disciplina não se origina de pressões exteriores. Para Maria Neves dos Santos ela parte do "íntimo do indivíduo. É algo inerente a sua personalidade. O indivíduo age dentro dos limites estabelecidos por ele próprio". (SANTOS, 1971).

As constantes e bruscas mudanças que vem ocorrendo na sociedade a cada instante impulsionam os indivíduos a se adaptarem aos novos padrões e exigências para serem aceitos pela comunidade. Quando o indivíduo ou um grupo apresenta-se

com um comportamento desejável significa que tudo está muito bem, nada precisa ser modificado no trabalho.

Ao longo dos tempos, o conceito de disciplina teve variados sentidos. Estrela, (1994) considerou que a disciplina já foi sinônimo de castigo, direção moral, norma de conduta, para estabelecer uma relação de obediência e bom comportamento.

Por sua vez o conceito de indisciplina, segundo essa autora “relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação, ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas” (ESTRELA, 1994)

Havendo tantas formas diferentes de significação e ponto de vista em torno dos termos “disciplina e indisciplina”, entende-se como disciplina que o corpo docente tenha foco e necessidade seja aquela em que se forneça a boa convivência no espaço escolar, condições ótimas de trabalho e a não castração dos discentes (REGO, 1996).

Ainda sobre a abordagem da indisciplina na perspectiva da moralidade, Aquino naobra “Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas” defende que o tema não se constitui num problema de âmbito apenas escolar, mas, “um entrelaçamento, uma interpretação de suposta matriz social e supra institucional [...]” (AQUINO, 1996). Discute ainda a indisciplina como um sistema de relações descontinua e conflitantes entre o espaço escolar e outras instituições sociais, pois ela pode ter origem fora do contexto escolar, por diversas causas, entre elas a falta de participação da família na educação de seus filhos.

Portanto, a dificuldade do professor em lidar com a indisciplina têm crescido cada dia mais, e vem sendo encarada como um problema tanto pela família como para a escola. Assim, é possível detectar no trabalho de Amado (2002) uma tendência a encarar a indisciplina como uma questão extremamente complexa, que envolve professor/aluno e a escola numa culminância da desordem das instituições sociais envolvidas, bem como da instância psicológica.

Amado (2002) dá um tratamento especial à questão da relação professor-aluno como uma das protagonistas do problema da indisciplina. A respeito disso, coloca que:

não se pode imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina pode ser extrínseco à relação professor – aluno, ou que permaneça sempre a reboque das determinações extraescolares. Assim, volta, por exemplo, a tratar da questão da “moral” e diz que dificilmente o aluno está completamente desprovido desse: em alguma medida, porém, se for o caso, o professor é quem tem aptidão de “reinventar a moralidade discente (AMADO, 2002, p. 68).

Para essa difícil tarefa, o professor se utilizará, das próprias disciplinas. Dessa maneira, a matemática, as línguas podem ser instrumentos de resgate da moralidade, na medida em que as enxergamos como regulação das ações e operações humanas nas sucessivas tentativas de ordenação do mundo (AQUINO, 1996).

Aquino (1996) ainda ressalta que “não importa quais os aparatos técnicos-metodológicos de que o professor dispõe, mas a compreensão mesma de mundo medida por modos específicos de conhecer”.

Quanto ao papel do aluno nesse contexto, esse se assemelha ao professor, na medida em que tem de criar suas condições próprias de assimilação de determinados aprendizados, determinados conceitos. Nessa perspectiva, a própria indisciplina pode se constituir, de modo particular, num caminho para tal (AQUINO, 1996).

Além disso, a preocupação com a indisciplina e suas decorrências encobre muitas vezes um procedimento pedagógico falho em conteúdos e métodos. Nessa ótica, é necessário rever o conceito de indisciplina que ainda não é muito claro, especialmente se pusermos no lugar da criança. Na visão de Stoer (*apud* PASSOS, 1995, p. 123):

as crianças vivem, num espaço de solidariedade nos grupos de brincadeiras, de vivências, e, portanto, desconhecem o conceito de indisciplina porque é uma ideia criada pelo adulto e que reflete uma sociedade com a qual as crianças ainda não sabem lidar, que é a sociedade da concorrência e da competição.

Foucault (2003), por exemplo, define a disciplina como um recurso que permita a intervenção do corpo. Disciplinar era entre outras coisas, impor através de castigos um comportamento desejado.

Hoje, sabe-se que nas escolas já não se pode aplicar castigos físicos, mas outros meios como a submissão da nota ao comportamento indesejado do aluno na intenção de reforçar um comportamento mais racional e agradável do mesmo (AQUINO, 1996).

Cabe-se à escola cumprir o papel de ensinar; é evidente que nela deverá existir um clima propício para o desenvolvimento dessa tarefa, no entanto, pode-se questionar de que forma esses objetivos poderiam ser alcançados (FOCAULT, 2003, p. 29).

2.2 Implicações de indisciplina no processo ensino-aprendizagem

A busca pelo conhecimento dos princípios que regem as relações humanas através dos meandros sócio-psicológicos e educativos tem contribuído bastante para o bom relacionamento entre os indivíduos nos diferentes setores das interações cotidianas. Apesar do grande progresso da educação, a convivência entre os professores e alunos tem se tornado fragilizado, já que as normas e regras de condutas implantadas nas escolas nem sempre são aceitas por estes (REGO, 1996).

É de consenso comum que a indisciplina causa graves problemas ao ensino-aprendizagem, pois dificulta a aquisição e transmissão do conhecimento. Em uma aula onde há muito barulho e movimentação, claramente o educador não conseguirá desenvolver um bom trabalho, devido à dificuldade enfrentada através de alguns alunos indisciplinados. E o problema da indisciplina torna-se mais agravante em salas super lotadas, sem espaço físico em condições desfavorecidas pedagogicamente falando. Todo esse quadro pode gerar falta de estímulo pela profissão, com relatos de educadores que afirma não agüentarem, alguns alunos, os quais, não respeitam ninguém, não tem limites e não querem obedecer nenhum tipo de regra.

Frente a essa problemática, a maioria dos professores se limita a sonhar com alunos disciplinados: que não atrapalhem as aulas, não reclamem e que não perturbem. Torna-se recorrente as falas dos educadores dizendo que as crianças “de antigamente” obedeciam mais aos pais e, em geral, também aos seus professores (REGO, 1996).

Os problemas gerados pelo comportamento indisciplinado no ambiente estudantil, cada vez mais pungente na mente do professorado, não é algo recente; é sim algo tão velho quanto a profissão (MANACORDA, 1997; FLEURI, 2008). Nas diversas escolas, sejam elas públicas ou particulares, a questão da indisciplina é a que mais mobiliza professores e demais profissionais envolvidos com o processo de

ensino/aprendizagem, além dos próprios pais dos alunos. A indisciplina gera graves transtornos, em sala de aula e na escola, demonstrados através do descumprimento de regras como também pela falta de limites que os alunos evidenciam desafiando aos professores por meio de atividades agressivas e a falta de disciplina também se apresenta no sentido de falta de cooperação no desenvolvimento das atividades escolares e no respeito com os colegas. Atualmente, professores das diversas áreas, mais do que nunca, buscam ansiosamente meios de compreensão dos processos sociais em sala de aula e de alternativas que favoreçam um clima de convivência propício ao bom desenvolvimento das atividades em sala de aula e garantam o processo de aprendizagem (GOMES; PEREIRA, 2009).

Dessa forma, a visão que o educador possui da sua ação pedagógica é fundamental para a construção da relação educacional. E esta visão encontra-se hoje marcada pela tão debatida contradição liberdade/repressão: de um lado, temos os educadores que só entendem educação através da ótica da repressão: e reagindo a esta concepção existem, no extremo oposto, os alunos que acreditam que o ato educacional tem como premissa como ponto de partida, a liberdade total (REGO, 1996).

Segundo Arroyo (1996) o educando precisa desenvolver atividades que contribuam para guiá-lo e orientá-lo na obtenção de objetivos capazes de fazer dele um homem livre, autônomo e responsável.

Nem sempre a escola tem se preocupado com a formação de seus alunos, limitando a transmitir apenas informações, dados, roteiros escolares, às vezes até mal embasados. Daí surge uma das causas de inúmeros problemas de disciplina, pois “os alunos não vêem relação entre seus interesses e os objetivos exigidos” (ARROYO, 1996).

Não se pode afirmar ao certo que os objetivos sejam estabelecidos apenas em função dos desejos das crianças e dos jovens, pois em razão da própria idade, é provável que alguns motivos sejam ineficazes para o autodesenvolvimento. Mas é preciso ressaltar que é interessante que a escola crie situações capazes de atender os interesses dos alunos para desenvolver lhes os motivos desejáveis, e estabelecer os objetivos realistas e bem relacionados com as suas motivações para tentar minimizar os episódios de indisciplina relacionados a essa falta de motivação de seus estudantes frente ao conteúdo ministrado (STOER, 1995).

2.3 Autoridade do professor e sua relação com a indisciplina

A autoridade do professor pode ser um dos fatores a contribuir com o sucesso de uma aula. A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Ao se criar um bom relacionamento com seus alunos, fará com que o professor seja respeitado e valorizado (MÜLLER, 2002, p. 79).

A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido; os alunos nem sempre sabem por que vão a ela, há uma falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. O professor pode diminuir este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo (MULLER, 2002).

Quando o professor é capaz de se comunicar com seus alunos com um propósito educativo, através de um planejamento que busque prender a atenção destes de acordo com o que a situação pede, sendo tolerante e compreensivo; ele consegue levar os alunos a produzirem sua própria reflexão, através de uma investigação natural (NÉRICI, 1977).

O professor precisa trabalhar em busca destas possibilidades, realizando discussões dos diversos temas “trazendo-os para os dias de hoje, para os problemas atuais, tornando o ensino e a relação professor/aluno proveitosos” (MULLER, 2002).

Para exercer a autoridade, o docente precisa saber da importância do seu trabalho e miscigenar com a afetividade a sua autoridade, recorrendo, então, ao diálogo como forma de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada (MULLER, 2002).

O ideal seria se os próprios alunos entendessem o conceito de disciplina, e que sua prática ocorresse de forma livre, voluntária. Entretanto, o professor precisa achar caminhos para conduzir seus alunos à prática da autonomia, sem que ele seja indiferente, mas que suas atitudes, sejam firmes e exijam respeito. Quando o educador consegue marcar seu lugar na sala de aula, ele consegue obter a disciplina de seus alunos, contribuindo para o sucesso de seu trabalho. Ele não precisa ser displicente e conivente com os atos errados, mas pode ser amigo de

seus alunos, estabelecendo uma relação de parceria. Essas atitudes podem criar um ótimo ambiente de trabalho e aprendizado, ocorrendo assim maiores chances de estudo por parte dos alunos (NÉRICI, 1977).

Pode-se também reforçar a importância do diálogo citando FREIRE (1996, p.95):

“estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta (...) o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto falam ou enquanto ouvem”.

O professor deve ensinar que o diálogo só ocorre quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo (LIBÂNEO, 1994) e nem desenvolvendo a capacidade crítica e a iniciativa individual. É preciso estimular a interação para contribuir com as aulas por meio do diálogo.

O respeito mútuo é a valorização de cada pessoa, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, é poder revelar seus conhecimentos, expressar sentimentos e emoções, admitir dúvidas sem ter medo de ser ridicularizado, exigir seus direitos, sem desrespeitar o outro. Quando há o desrespeito, surge a indisciplina que também se apresenta no sentido de falta de cooperação no desenvolvimento das atividades escolares e no respeito com os colegas.

Pode-se buscar, nas palavras de CHAUI (1980, p.39), uma confirmação do exposto: “Ao professor não cabe dizer “faça como eu”, mas: “faça comigo””.

O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se n'água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água CHAUI (1980, p.39).

Assim, mudanças nas atitudes do professor frente ao processo de ensino-aprendizagem e relação com o aluno podem minimizar os episódios de indisciplina

2.4 Possíveis soluções

Segundo Wallon (2001) afetividade e inteligência formam um par inseparável na evolução psíquica, pois, apesar de terem funções bem distintas, são interligadas em seu desenvolvimento, sendo capazes de proporcionar à criança níveis de evolução cada vez mais elevados.

Pensando nisso, seria punição uma técnica para reduzir problemas de disciplina? Há crianças que são punidas quase diariamente, no entanto pouco progresso apresenta, quer no seu ajustamento quer na aprendizagem. Pressionar a criança só tem sentido se há um objetivo claro - ajudá-la. A exigência e a pressão devem constituir meios para se atingir um fim - o bem estar da criança (WALLON, 2001).

O uso da punição implica a tentativa de produzir uma experiência que seja desagradável à criança. Baseia-se na suposição de que o aborrecimento, a experiência possa transformá-la, levando-a a refletir e modificar seu comportamento, o que não ocorreria sem a pressão exterior (WALLON, 2001).

Sabe-se que atualmente nas escolas já não se pode aplicar castigos físicos, mas outros meios como a submissão da nota ao comportamento indesejado do aluno na intenção de reforçar um comportamento mais racional e agradável do mesmo (AQUINO, 1996).

Segundo ARAÚJO, 1996, p. 114:

Se um dos objetivos da educação é o de auxiliar o sujeito a construir uma autonomia do pensamento que "obrigue a sua consciência" a respeitar as regras do grupo depois de raciocinar com base em princípios de reciprocidade se aquela regra é justa ou não, isto deverá ser alcançado por meio de relações que não envolvam a coação e o respeito unilateral; caso contrário poderá se obter um comportamento desejado pelo adulto, mas ao preço de reforçar a heteronomia e não um juízo autônomo (ARAÚJO, 1996, p. 114).

Dessa forma, apenas uma mudança no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade poderá fazer com que o problema da indisciplina seja encarado sob uma perspectiva diferente (TODERO; PERUZZOLO; MROCZKOSKI, 2009).

O professor como facilitador do aprendizado deverá buscar a motivação de seus alunos como forma de atração para que os mesmos não precisem ser punidos, mas que interajam a ponto de contribuir com as aulas, e não atrapalhá-las. Não é uma tarefa fácil, pois a falta de motivação pode ter origem em problemas particulares do aluno como cansaço, necessidades afetivas não satisfeitas e até

mesmo psicológicas (MULLER, 2002). Somado a problemas como salas superlotadas, sem espaço físico em condições desfavorecidas pedagogicamente falando, baixos salários do profissional que o desestimula na sua profissão e consequentemente cria condições para tornar-se mais agravante ou recorrentes os caso da indisciplina.

Muller (2002) ainda completa que o professor precisa voltar o seu trabalho na aprendizagem e fazer de suas aulas um espaço expressivo para o aluno, fazendo-o sentir que a matéria tem significância para sua vida.

A disciplina e o equilíbrio devem ser mantidos em classe, para que o aprendizado não seja prejudicado, e para que se desenvolva, no aluno, o auto-respeito, o autocontrole e o respeito, ficando o professor atento para que certas situações não fujam do limite. O professor deve se utilizar da liderança controlando-a, no entanto, para não inibir a criatividade do aluno, criando uma relação de respeito mútuo e organizando sua metodologia de trabalho (MULLER, 2002).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter exploratório e bibliográfico e se refere ao tema da pesquisa: “A indisciplina sob a ótica do professor e do aluno na Escola Estadual Tancredo Neves/Almenara-MG”. Diversos meios de informações tais como teses, dissertações, livros e artigos publicados, foram pesquisados para a elaboração deste trabalho. A pesquisa teve duração de 120 dias, que se estendeu de junho a agosto de 2017. Adicionalmente, buscou-se verificar como professores e alunos de uma rede estadual de ensino entendem a questão da indisciplina e como os docentes lidam com a indisciplina no seu cotidiano.

3.1 Instrumentos para coleta de dados

A coleta de dados é o ato de pesquisar, juntar documentos e provas, procurar informações sobre um determinado tema ou conjunto de temas correlacionados e agrupá-las de forma a facilitar uma posterior análise.

Dessa forma, a coleta de dados foi realizada com os professores através de um questionário com 8 perguntas (Anexo 1) e também com 50 alunos (Anexo 2), com um questionário de 5 perguntas. Sabe-se que esse é um método flexível de obtenção de informações qualitativas em pesquisas investigativas. Tal método requer, entretanto, um bom planejamento prévio e habilidade do entrevistador para seguir um roteiro de questionário, com possibilidades de introduzir variações que se fizerem necessárias durante a aplicação.

Por meio destes dados foi possível relacionar as ideias dos indivíduos pesquisados com outras pesquisas semelhantes.

Além disso, a pesquisa bibliográfica, indispensável a qualquer pesquisa científica, fornecerá os conhecimentos teórico-empíricos os quais nortearão o trabalho desenvolvido. Assim, ao mesclar as ideias defendidas juntamente com aquelas inerentes a autores diversos, criará as condições necessárias e a oportunidade de compactuar ou não com os posicionamentos firmados.

3.2 Lócus da pesquisa

O campo de análise, com relação ao tema deste trabalho, estabeleceu-se na

na unidade educacional Escola Estadual Tancredo Neves, situada na zona urbana do município de Almenara – MG.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Professores e alunos do Ensino Médio do turno matutino da Escola Estadual Tancredo Neves.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A Estrutura Escolar e o Projeto Político Pedagógico

A entrevista foi realizada na Escola Estadual Tancredo Neves – (EETN) de Ensino Fundamental e Ensino Médio. A referida escola é integrante da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, localizada na Rua Lívio Fróis Otoni S/N, telefone 3721-2502, em Almenara- MG.

Esta instituição está localizada no centro da cidade, e estão concentrados na EETN os alunos de classe média. Almenara é beneficiada com mais 04 (quatro) escolas da rede estadual de ensino, um campus do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), 04 (quatro) centros educacionais da rede privada e 13 (treze) da rede municipal.

As dependências da Escola Estadual Tancredo Neves destinam-se ao atendimento educacional dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, que são organizados em anos de escolaridade de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB): Ciclo Intermediário 6º e 7º ano, com duração de 02 (dois) anos de escolaridade e Ciclo da Consolidação 8º e 9º ano, com duração de 02 (dois) anos de escolaridade. A escola também atende ao Ensino Médio, etapa conclusiva da Educação Básica, possui duração de 3 (três) anos. Oferece ainda Educação de Jovens e Adultos – EJA Médio e cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

A escola funciona de segunda à sexta-feira com 03 (três) turnos: matutino de 7:00 às 11:30 hs; vespertino 13:00 às 17:30 hs e noturno de 18:30 às 22:50 horas, atendendo alunos de 6º a 9º ano e ensino médio, em regime de Seriação; possui no turno noturno os programas Educação de Jovens e Adultos para o Ensino Fundamental e Médio - EJA, além de cursos técnicos de Marketing, Imobiliária e Recursos Humanos.

O ano letivo, de acordo com a legislação é correspondente a 200 dias letivos, sendo assim, no ano letivo são desenvolvidas atividades como: realização das aulas e demais atividades escolares, inclusive avaliações com a duração necessária para a execução integral dos programas e realizações de todas as atividades programadas, prorrogando-o, se necessário, até a contemplação do

mínimo dos dias e horas exigidos por lei ou decisões dos conselhos federal e/ ou estadual de educação.

A duração do módulo-aula é de 50 minutos. O recreio tem duração de 25 minutos e acontece após a terceira aula. É permitida a conjugação de dois módulos-aula, exceto para as aulas de educação física.

O corpo docente é constituído de professores devidamente qualificados em obediência as disposições legais atinentes e normas aplicáveis dos órgãos competentes. Os professores são efetivos ou contratados e dispensados pelo estabelecimento de acordo com as exigências das leis de ensino, combinadas com os dispositivos da consolidação das leis de trabalho aplicáveis e com as normas deste regimento.

A Estrutura Física da Escola Estadual Tancredo Neves é composta de: i) 15 salas de aulas-normais, ii) 02 pátios, iii) 01 biblioteca, iv) 02 laboratórios de informática, v) 01 laboratório de ciências (que no momento do desenvolvimento do trabalho estava fechado por falta de materiais), vi) 01 salão para reuniões, vii) 01 cantina, viii) 02 depósitos, ix) 03 banheiros femininos e 03 banheiros masculinos, x) 02 banheiros para professores, xi) 01 sala de direção, xii) 01 sala de supervisão, xiii) 01 sala de professores, xiv) 01 sala de secretaria e xv) 01 quadra coberta para esportes.

A equipe da Escola sabe a importância da valorização do ser humano, entende que a concepção de Educação é compreendida como um processo de desenvolvimento do indivíduo para que ele possa atuar na sociedade.

Dessa forma, privilegia-se a prática de uma educação em que os professores e alunos se visualizem por inteiro no processo, estabelecendo-se uma mudança de atitudes a respeito da formação e ação do aluno, das quais fazem parte, os aspectos afetivos, sociais, éticos concomitantemente com os aspectos cognitivos.

Sabe-se que a escola é uma das formas de socialização de uma criança. O papel que ela desempenha está além de ensinar a ler e escrever, calcular e interpretar. Na escola o aluno aprende a socializar, e com a socialização eles aprendem a cultura dos demais. É com o convívio com os demais que ele aprender a dividir e integrar em sociedade.

A concepção de currículo defendida pela escola requer que a organização escolar, a metodologia de ensino, as formas de avaliação da aprendizagem, as

relações entre os atores que participam do processo educacional e todas as variáveis implícitas nele tenham o aluno como centro do processo ensino e aprendizagem (PPC da Escola Estadual Tancredo Neves). A avaliação dos alunos tem uma função diagnóstica que busca investigar os conhecimentos, competências e habilidades que o mesmo traz, é formadora no sentido de acompanhar a aprendizagem, identificando os sucessos e as dificuldades desse processo de desenvolvimento, inclusive para reorientá-lo.

Essas e outras informações foram extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que foi analisado para conhecer mais sobre o funcionamento e a pedagogia adotada pelos profissionais que trabalham nesta instituição.

Entre os elementos como bases norteadoras do trabalho pedagógico da escola estão o plano de formação continuada para os professores que busca valorizar o profissional da educação já que esta valorização representa valorizar a escola em todos os aspectos como na qualidade gestorial, educativa, ambiental, social, ética e até estética.

No plano de ação da escola estão previstas importantes ações como: a) elevar em 10% a aprendizagem a cada ano; b) Melhorar em 80% a participação de pais e responsáveis na vida escolar; c) Aumentar em 10% as notas de maneira geral dos alunos da escola, mas ressalta-se que para que esses objetivos sejam alcançados, a escola conta com o apoio de toda a equipe escolar.

A direção da escola é muito capacitada e busca promover um espaço de reflexão, diálogo entre professores e busca soluções para resolver os principais desafios da escola e traçar metas. A direção também toma decisões e assume-as coletivamente, desenvolve reuniões com os pais mensalmente ; responsabilizando-se por seu funcionamento perante os órgãos e entidades públicas

É através das diferentes atividades que são ofertadas na escola, que as crianças aprendem a se relacionarem, sendo de grande valia para o crescimento intelectual e social dos mesmos. Nesse caso, o professor, sendo o principal agente no processo de melhoria da qualidade do ensino, poderá realizar uma série de atividades que favoreçam a aproximação do educando com o mundo ao seu redor, pois a educação é a condição essencial para o bom desempenho da cidadania.

Apesar da grande preocupação da equipe escolar com o processo de ensino e formação de seus alunos há problemas que são inevitáveis, como é o caso da

indisciplina de alguns alunos que representa uma dificuldade que a escola enfrenta para o sucesso total de seu trabalho.

Professores, supervisores, direção e todos os funcionários trabalham na tentativa de diminuir os casos de indisciplina dentro e fora da sala de aula uma vez que esses problemas prejudicam tanto o funcionamento normal das atividades escolares como os alunos que cometem atos indisciplinados quanto os pais não envolvidos nesses atos.

O aluno que de alguma forma prejudica o andamento da aula é levado para uma conversa com o Supervisor Pedagógico. Posteriormente, se o problema persistir, o supervisor juntamente com o professor regente realizam um encaminhamento relatando o problema para os pais, que são convidados a comparecer na escola para uma reunião particular.

4.2 A indisciplina sob a ótica do professor

Sabe-se que o professor é peça fundamental para o trabalho com a questão da indisciplina. Mas é importante que haja participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo: pais, alunos, professores, equipe pedagógica, administrativa, etc. Uma investigação em torno da questão da indisciplina, em uma escola estadual, como a Escola Estadual Tancredo Neves, necessitaria de uma abordagem que incluísse todos os agentes do processo educativo. Entretanto, no presente trabalho restringimos a análise à perspectiva entre professor e aluno, procurando assim por peças importantes no conhecimento dessa problemática.

Dentro de todo o quantitativo de professores entrevistados neste estudo, podemos afirmar que todos contribuíram de maneira significativa para o conhecimento acerca dos problemas envolvendo a questão da indisciplina em sala de aula, problema este enfrentado pelo efetivo de docentes na instituição analisada.

Foram entrevistados 11 professores do Ensino Médio do turno matutino, cada um regente em uma disciplina (Português, Matemática, História, Geografia, Biologia, Artes, Inglês, Química, Física, Sociologia, Educação Física).

As entrevistas aconteceram fora da sala de aula para não confrontar professores e alunos. A primeira pergunta foi se o professor consegue dar suas aulas conforme o planejamento. A maioria deles relatou terem problemas com a execução das aulas, e muitos relatam que 50 minutos não é suficiente para receber

os alunos, acalmá-los, lecionar e lidar com os problemas de indisciplina. Esses dados vão ao encontro das discussões em literatura especializada e referentes ao tempo destinado às aulas de química no Ensino Médio das escolas públicas, que consideram duas aulas semanais de 50 minutos, insuficientes para ministrar todo conteúdo (Barbosa, 2008), tendo em vista que o professor perde muito tempo com a organização da turma.

Em uma primeira análise dessas afirmações, permite-se entender, ou pelo menos suspeitar, que os professores desta escola interpretam a disciplina como uma necessidade para se fornecer boa convivência e condições ótimas para o desenvolvimento do trabalho. Tal inferência surge pela incidência de termos como “acalmá-los” e “lecionar”. Resumidamente: “acalmá-los” suscita a idéia de criar as condições de convivência e possibilitar o início dos trabalhos, ou seja, “lecionar”.

Uma professora relatou que as turmas do ensino médio são mais indisciplinadas, principalmente os rapazes. Alguns respondem os professores, não assistem às aulas, incomodam os colegas e usam insistentemente o celular em sala de aula. Nas entrevistas, alguns professores relataram momentos difíceis em sala de aula, onde apontaram que já presenciaram momentos de agressão física entre alunos e que é comum discussões entre eles dentro da sala.

Na sequência do processo de análise das respostas, alguns dos professores entrevistados relatam que a falta de amor, compreensão e apoio da família da criança interferem na disciplina delas em sala de aula.

A afirmação feita de que a falta de compreensão e apoio da família interfira no bom desempenho do aluno é peça importante na compreensão dessa problemática. É indiscutível que a estrutura familiar tenha um forte impacto na permanência do aluno na escola, podendo evitar ou intensificar a evasão e a repetência escolar (DSSSEN; POLONIA, 2007). A família é determinante para o bom comportamento e rendimento do aluno na escola, assim sendo de fundamental importância a participação dos responsáveis na vida escolar do seu filho (SILVA, 2015).

Considerando os problemas com relação entre pais e filhos, Vasconcelos et al (2005, p. 03) afirma que “as dificuldades afetivas provocam desadaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual”. Silva (2015) aponta que a possível solução para os casos de violência nas escolas seria a união dos

familiares e a equipe escolar, cabendo a eles encontrar as soluções para tais problemas.

É possível que a família possa colaborar para a contenção da indisciplina na escola, é preciso que seja resgatada a prática do diálogo no ambiente familiar, a prática de participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos, indo às reuniões escolares procurando saber da vida dos filhos, suas angústias, seus temores, suas conquistas, bem como suas expectativas e possibilidades de realização com relação ao futuro (BENETTE, 2008, 09).

A presença do diálogo em qualquer relação é benéfica, pois para haver um consenso entre ambas as partes, e entender as particularidades de cada um, este é a principal ferramenta que pode ser utilizada para alcançar tal finalidade (SILVA, 2015).

Já a questão do uso indiscriminado de mídias digitais pessoais em sala de aula, torna-se a cada dia uma questão acirrada e polêmica. Minayo (2011) enfatiza que o uso do aparelho celular pode ser usado para a pesquisa. A pesquisa é de grande importância para a construção do conhecimento, entretanto o uso de celular na sala de aula tem ultrapassado os limites.

É cada dia mais frequente o uso de *smartphones* entre os alunos, até mesmo por causa da necessidade de comunicação. Conforme Ramos (2012, p. 03), “os aparelhos eletrônicos em sala de aula são um convite à distração, durante as aulas, utilizados em excesso por muitos alunos e muitas vezes prejudicam o aprendizado”

Os professores apontam ainda que a cada dia os alunos estão mais desobedientes e que os indisciplinados são aqueles que tratam mal os colegas e professores dentro e fora da sala de aula. Esses alunos estão presentes na EETN em pequeno quantitativo, mas os poucos indisciplinados acabam por atrapalhar demais o andamento das aulas, tanto da sua sala quanto das outras salas da escola, pois passeiam pelos corredores incomodando a todos.

Os professores ainda completam que os alunos indisciplinados não realizam as tarefas escolares, faltam muito às aulas sem justificativa e conversam demasiadamente durante a aula.

Percebe-se aqui que o discurso já tende a procurar e apontar causas e causadores com uma localização definida no ambiente escolar no tocante à questão da indisciplina. Surgem aqui as primeiras evidências de um discurso que procura

localizar e apontar o "aluno-problema" de forma esporádica e até sem solução. Assim, alguns professores acabam por evocar a figura do aluno-problema que tem por definição aquele discente que sofre de supostos "distúrbios psico/pedagógicos". Tais distúrbios, podendo ser de natureza cognitiva ou de natureza comportamental, vem a configurar como um grande conjunto de ações que vem a ser chamada corriqueiramente de "comportamentos indisciplinados".

A "eleição" de aluno (s) problemas deve ser sempre avaliada com muita restrição e desconfiança, pois a categoria docente ao elegê-lo como obstáculo para o trabalho pedagógico expõe-se abertamente ao risco de desvio ético. Como tentativa de comparação, seria o mesmo que afirmar que a culpa da imperfeição da medicina, em não poder curar todas as doenças, seria do advento constante de novas doenças, inclusive daquelas enfermidades que surgem pelo aumento da expectativa de vida proporcionada pelos avanços da própria medicina. Agindo assim, o corpo docente tende, mesmo que de forma inconsciente, a se responsabilizar pelo sucesso e culpar outros pelo fracasso.

Um bom exemplo da justificativa do "aluno-problema" para o fracasso escolar é uma espécie de máxima muito recorrente no meio pedagógico, que se traduziria num enunciado mais ou menos parecido com este: "se o aluno aprende, é porque o professor ensina; se ele não aprende, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, de carência, de falta de pré-requisito." (AQUINO, 1998)

Foi questionado ainda sobre a presença dos pais nas reuniões e no cotidiano escolar. Todos os professores e também a equipe de supervisores responderam que são poucos os pais que se interessam pelo andamento de seus filhos na escola, e que os pais dos alunos mais indisciplinados são aqueles que menos freqüentam a escola, nas reuniões para discutirem o desenvolvimento dos alunos.

No tocante ao "acompanhamento pelos responsáveis" as informações fornecidas pelos professores tendem a apontar a falta de participação dos responsáveis na vida escolar do aluno. Aqui, mais uma vez, as causas podem ser diversas. As mudanças sociais que vem acontecendo em nosso mundo impulsionaram a "dona de casa" a ir para o mercado de trabalho, resultando em uma deficiência no tempo de convivência desta com seus filhos, dificultando assim o acompanhamento do desenvolvimento das crianças, sobretudo em relação a

questões de valores, criando condições favoráveis para o surgimento de crise de autoridade no processo educacional (PIMENTA, 2012, p.19).

Essas mudanças cada vez mais rápidas na estrutura social, a globalização, as mudanças do foco do que constitui prioridade na vida do cidadão, que vem a contribuir para o surgimento de famílias progressivamente mais desestruturadas, desorientadas, que tendem a “terceirizar” completamente a função educativa às instituições escolares. Dessa forma, há cada vez mais uma inversão de valores, na qual as famílias vêm transferindo suas responsabilidades para a escola (VASCONCELLOS, 2004, p.26).

Por outro lado, as mudanças devem acontecer de fato, pois a natureza não é imutável e as mudanças são reflexos de uma sociedade que busca a superação e o desenvolvimento. Dessa forma, tais mudanças podem também vir a refletir o combate entre duas formas de pensar o assunto educação, dentro de um período de transição histórica, e que não chegaram ainda em um consenso. Sabe-se que no passado as escolas tinham como incumbência de forjar e disciplinar as mentes dos indivíduos segundo àquilo que o sistema capitalista exigia. FOUCAULT (2002).

Essa configuração da educação forneceu uma posição ao professor que aparentemente possuía uma vantagem, pois tal organização em “moldes tão militares” e a serviço das instituições capitalistas faziam do professor o portador e transmissor de conhecimento, e os alunos meros receptores passivos, acabando por propiciar nos dias atuais situações desagradáveis entre aluno/professor (DAMETTO; ESQUINSANI, 2009).

Ao longo da história, e auxiliado pelas mudanças sociais, essa relação de poder que o professor exercia sobre o aluno foi sendo “minada” pelos educandos. Contribuiu para o aumento da “indisciplina” a democratização do ensino a partir da constituição de 1988, tornando universal o acesso ao Ensino Fundamental, uma vez que passava a ser obrigação manter os filhos nas escolas (BRASIL, 1988, p.38). Atingindo o status de obrigatoriedade e muitas vezes sem o amparo da família, a criança vem a se comportar no ambiente escolar transparecendo a forma de pensar e os valores que reinam em seu ambiente familiar, que por sua vez continua em um processo de desestruturação causado pelas mudanças já discutidas.

Nesse sentido, muitos professores acabam por fechar os olhos para essa realidade, restringindo-se a imaginar a época em que havia autoridade completa na

figura do docente, ficando insensível assim às mudanças realmente necessárias no seu fazer pedagógico frente a um mundo de inevitáveis e constantes mudanças.

O corpo docente, anestesiado pelas lembranças de um “passado glorioso”, não consegue enxergar que essa situação problema configura na verdade como uma verdadeira ação docente. Torna-se legítimo afirmar então que a resolução e superação dos problemas advindos da indisciplina sejam uma atribuição real do fazer docente, uma vez que essa indisciplina possa ser vista como fruto da insatisfação de sua “clientela”. O professor pode ser investigador na sua profissão, procurando saber qual o motivo da insatisfação, sobretudo instigar o aluno a procurar aprender sobre algo e mudando sua percepção sobre as coisas no mundo (AQUINO, 1998).

4.5 Indisciplina sob a ótica do aluno

Responderam ao questionário 50 alunos de diferentes turmas do Ensino Médio do turno matutino, cada turma tem em média 35 alunos. Foram selecionados alunos com boa participação nas aulas e alunos pouca participação nas aulas, relacionando as notas bimestrais com os respectivos alunos, para ter uma visão geral sobre o conceito da indisciplina sob a ótica dos adolescentes da EETN.

Entre os entrevistados, alguns demonstraram que não têm um bom relacionamento com a família, deixando claro que os pais não os tratam com respeito. Ao serem questionados sobre o que acham da questão da indisciplina no ambiente escolar, assumiram que a indisciplina em sala de aula atrapalha o aprendizado de toda a turma.

Segundo Kaloustian (1998), a família desempenha um papel decisivo na educação de seus filhos, é no seio familiar que são absorvidos o valor ético e humanitário.

Alguns apontaram que os pais trabalham e não participam do dia-a-dia escolar deles. Sabe-se que muitas famílias hoje não atuam como participantes da vida escolar dos filhos, devido às dificuldades do dia a dia, por causa da intensa jornada de trabalho, e por acharem equivocadamente que a escola é a possuidora do saber e única capaz de educar. A partir desse pensamento, a escola se torna para esses pais a instituição que acolhe essas crianças e passa ter a obrigação de formar, educar e preparar os jovens para o mundo.

Tendo em vista a já conhecida condição de muitos jovens, vivendo às vezes fora de uma ideal condição social ou mesmo a margem desta tendo, portanto seus direitos cerceados, uma família bem estruturada nesse sentido tem um papel muito importante para uma mudança desta situação (BRYM, *et al* 2006).

Ao perguntar “como você avalia seu comportamento na sala de aula” houve uma omissão na resposta, pois somente 2 alunos responderam que são mal comportados. Foram entrevistados 50 alunos diferentes do turno matutino, mas a maioria deles respondeu que são bons alunos e que não atrapalham as aulas.

Alguns apontam que a metodologia apontada pelo professor é o fator principal para os problemas de indisciplina em sala de aula. Apesar de responderem que gostam dos professores, mostraram-se insatisfeitos com as metodologias adotadas, dizendo ainda que a maioria dos professores só escreve no quadro e o material didático fica preso somente ao livro didático.

De acordo com D’Ambrósio (1991, p. 01), “há algo errado com os conteúdos que estamos ensinando”. O conteúdo ensinado por meio do atual sistema escolar é arcaico e desinteressante para os alunos. Dessa forma, na tentativa de melhorar os problemas de indisciplina, o professor também precisa analisar os métodos de ensino com o qual está trabalhando, buscar novas metodologias, procurar outras estratégias que beneficiem a aprendizagem do aluno. Rêgo e Rêgo (2002) destacam que é necessária a introdução de novas metodologias de ensino para que o aluno seja sujeito da aprendizagem, realizando uma assimilação compreensiva dos conceitos fundamentais e de uma contextualização da aprendizagem.

Portanto, faz-se necessário repensar nos métodos de aprendizagem, realizando aulas mais atrativas com recursos que vão além do quadro e giz. Não é preciso abandonar o livro didático, mas que as aulas saiam desse padrão usado há tantos anos, pois, se a sociedade muda com o passar do tempo, a educação também precisa de transformações para atender a nova clientela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito dos dados obtidos na Escola Estadual Tancredo Neves e considerando o que é discutido sobre o tema no meio educacional, conclui-se que as reclamações apresentadas pelos professores entrevistados tendem, em sua maioria, a ratificar o discurso oficial encontrados em artigos científicos da área de educação. Grande parte dos docentes desta escola acaba por atribuir como causas dos problemas de comportamento do aluno a falta de amor, afeto e atenção por parte da família.

Essas afirmações dadas pelos professores encontram respaldo nas respostas colhidas por parte dos alunos. Embora os discentes tendam a contribuir menos em uma entrevista, como resultado de comportamento de auto-proteção, boa parte deles afirmam e demonstraram não ter um bom relacionamento com a família e admitem eles mesmos que a indisciplina em sala de aula atrapalha o aprendizado de toda a turma.

Nota-se também, em menor quantitativo, um discurso de não responsabilização pelo corpo de docentes pelos insucessos nesse meio. Tal discurso torna-se claro, quando nas respostas identifica-se a busca pelo "aluno problema". Percebe-se assim, que parte do corpo docente ao não se responsabilizar acaba por impor a si mesmos uma restrição ao desenvolvimento dos significados do que seja realmente a disciplina. Tal restrição só vem a dificultar as ações pedagógicas por estes, que ao invés de enfrentar os problemas de fato acabam por abster-se.

Porém, alguns professores reconheciam sua própria limitação e dificuldade em lidar com as situações de indisciplina, o que possibilitou a constituição de momentos de reflexão sobre as relações interpessoais em sala de aula e as possibilidades de mudanças no seu interior.

Muitos dos alunos que se consideram indisciplinados apontaram que os problemas para a falta de concentração é culpa dos professores que não elaboram aulas diferentes e atrativas, enquanto os professores entrevistados destacaram que em algumas turmas a falta de domínio impossibilita o trabalho interdisciplinar e com outras metodologias em sala de aula.

Foi possível com esse estudo compreender as diversas concepções que tanto professores quanto alunos possuem acerca do tema "disciplina/indisciplina" e

como essas noções afetam o processo ensino/aprendizagem. Percebe-se, que a tão sonhada “autoridade”, que os docentes almejam para um bom desempenho em sala de aula, constituída de fato e de forma sólida só poderá ser alcançada quando estes delimitarem corretamente os conceitos deste tema e se conscientizarem do seu verdadeiro papel nesse processo. Essa pesquisa tende a nos direcionar , portanto, que a indisciplina interfere no processo ensino-aprendizagem, sendo importante a identificação dos fatores que influenciam a indisciplina no espaço escolar.

Os problemas apresentados aqui tendem a apontar que o ambiente escolar precisa ser bem planejado e trabalhado por todos os envolvidos no processo educativo para que juntos, os profissionais tomem as decisões que se fizerem necessárias para que haja mudança no comportamento de seus alunos, pois a missão da escola é ensinar aos alunos e fazer todo o possível para que tenham sucesso. Neste sentido, é preciso que haja respeito entre as partes, onde o professor é peça fundamental no momento em que consegue um bom relacionamento com seus educandos.

Se o professor souber ouvir o aluno sobre suas dificuldades, seus problemas pessoais, orientandempre que possível, já favorecerá em muito o relacionamento e o clima de sala de aula. Entretanto, não se trata de atender as vontades dos alunos, mas de aproximar-se deles e conhecer suas dificuldades para melhor exercer seu papel de educador.

Dessa forma, apesar de ser uma temática conflitante é essencial a busca a de novas reflexões no processo educativo, onde os profissionais da escola passem a vivenciar essas transformações dando às relações interpessoais um enfoque motivador, buscando novas formas didáticas e metodológicas para que o processo ensino-aprendizagem seja efetivado de fato.

Por fim, como limitações encontradas para a realização desse estudo, apresenta-se a dificuldade de encontrar material teórico de qualidade para a pesquisa, e ainda a resistência de professores e alunos em discursar sobre esse tema tão polêmico dentro do ambiente escolar. Faz-se necessário que a escola não ignore a indisciplina ,fornecendo se possível cursos de capacitação para estudos do tipo comportamental a fim de preparar melhor o docente diante das dificuldades enfrentadas e assim conduzir a um ambiente favorável à “aprendizagem”.Trabalhando em conjunto , toda equipe escolar juntamente com os responsáveis pelos alunos ,favorecerão a novas estratégias que unam professores

e alunos no combate a indisciplina na sala de aula. Somente assim os rumos da educação podem ser mudados.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. S. **Indisciplina na aula: regras, tarefas e relação pedagógica**. Psicologia, educação e cultura, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 53-72, 2002.

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. Revista da Faculdade de Educação, 24 (2): 181-204, 1998.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, U. A. **Moralidade e Indisciplina: uma leitura a partir do referencial piagetiano**. In: AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, M. G. **Assumir nossa diversidade cultural**. In: Revista da Educação da AEC, Brasília, 25 (98): 42-50, jan/mar, 1996.

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino no Brasil**. 6º edição. São Paulo: Cortez, 2008.

BENETTE, T. S. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. Dia a Dia Educação, Paraná, 2008.

BRYM, Robert J (et al). **Sociologia – sua bússola para um novo mundo**. Capítulo 4 – Socialização – p. 105 a 136. São Paulo: Thomson Learning, 2006, 585p.

CHAUI, M. S. **Ideologia e educação**. in revista Educação e sociedade n. 5. São Paulo: Cortez. Editora/Associados, 1980.

D'AMBRÓSIO, U. **Ensino e educação: uma proposta global**. Temas& Debates, São Paulo, 1991.

DESSEN, M. A; POLONIA. A. da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2007 vol.17, n.36, pp.21-32.

ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FLEURI, R. M. Entre disciplina e rebeldia na escola. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. São Paulo, Editora Ática. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

- GOMES, C. A.; PEREIRA, M. M. **A formação do professor em face das violências nas escolas**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 201-224, jan./abr. 2009.
- KALOUSTIAN, S. M. **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo, Cortez, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- LIPMAN, M. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MEDEIROS, P. R. L. **Governar ou ser governado? Indisciplina em sala de aula**. Niterói, 2007. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/6/PATRICIA%20RODRIGUES%20LIMA%20DE%20MEDEIROS.pdf>. Acesso em 03 de abril de 2016.
- MINAYO, M. C. de S.; GOMES, R.; DESLANDES, S. F. **PESQUISA SOCIAL - Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 16 ed. nº 2, vol. 1. 2012.
- MÜLLER, L. S. **A interação professor – aluno no processo educativo**. Ano VIII, nº 31 Novembro/2002.
- NÉRICI, I. G. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.
- PARRAT, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMOS, M. R. V. **O Uso de Tecnologias em Sala de Aula**. Revista Eletrônica Lenpes Pibids de Ciências Sociais da UEL. Universidade Estadual de Londrina. ed. 2, vol. 1, pag. 1- 16, jul/dez, 2012.
- REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J.G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas** 11 ed. São Paulo: Summus, 1996.
- RÊGO, R.G.; RÊGO, R.M. **Matemática ativa**. João Pessoa: Universitária/UFPB, INEP, Compod: 2002.
- TODERO, F. PERUZZOLO, G. T. B; MROCZKOSKI, M. **Indisciplina na escola e o cotidiano escolar: buscando soluções conjuntas**. Revista de Educação do IDEAU. v.4 - n.8 - Janeiro - Junho 2009.
- VASCONCELOS, A. A. *et al.* **A presença do diálogo na relação professor-aluno**. Artes Na Escola, 2005.
- VASCONCELLOS, C. **(IN)DISCIPLINA: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 13. ed. São Paulo: Libertad, 1989.
- SERRÃO, M. E BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2ª ed. – São Paulo: FTD, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos SANTOS. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

WALLON, H. **Disciplina e Perturbações do Caráter**. In: Psicologia e Educação da Criança, p. 367. 2001.

8. ANEXOS**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA - PROFESSOR**

Escola: _____

Pesquisador: _____

Professor Entrevistado: _____

Formação: _____

Ano de Escolaridade: _____ **Turno:** _____ **Data:** _____

Horário da observação: _____

1. Quando iniciou sua profissão, quais eram seus maiores desafios e/ou dificuldades na sala de aula?
2. E hoje, quais os desafios e/ou dificuldades enfrentados?
3. A escola te oferece recursos para trabalhar com novas metodologias?
4. Você costuma utilizar diferentes recursos metodológicos para ministrar suas aulas?
5. Você percebe se seus alunos se interessam mais quando as aulas fogem da metodologia tradicional de ensino?
6. Em sua opinião, quais as causas da indisciplina?
7. O que você procura fazer para tentar diminuir a indisciplina entre seus alunos?
8. Quais as medidas adotadas por você e pela escola para corrigir um aluno indisciplinado?

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA - ALUNO

Escola: _____

Pesquisador: _____

Turma: _____ **Turno:** _____ **Data:** _____

Horário da observação: _____

1. Como você avalia seu comportamento na sala de aula?

() Irregular () Regular () Bom () Ótimo

Comentários:

2. Você se considera um aluno indisciplinado?

() Sim () Não () Quase nunca () As vezes

Comentários:

3. Você está satisfeito com as metodologias adotadas pelo professor?

() Sim () Não () Quase nunca () As vezes

Comentários:

4. Você mantém um bom relacionamento com seus familiares?

() Sim () Não () Quase nunca () As vezes

Comentários:

5. Você se considera um aluno indisciplinado?

() Sim () Não () Quase nunca () As vezes

Comentários:
